

HISTÓRIAS DE PESCADOR: MEMÓRIAS, IDENTIDADES E CONFLITOS

Sinara Santos Robin

UFRGS/UNISINOS

sinrobin@terra.com.br

O projeto de pesquisa ora apresentado se insere na contemporaneidade através do imaginário inaugurante deste século que recoloca os sonhos e desejos de um futuro melhor, estimula a realização do inventário sobre os caminhos trilhados e a reflexão sobre as possibilidades da humanidade na terra. Os temas da marginalização social e da destruição do meio ambiente, que tem desafiado a modernidade e seu projeto civilizatório quanto às possibilidades do futuro, mobilizam a busca compartilhada entre crescimento econômico, (des)envolvimento social e conservação ambiental.

Ao mesmo tempo, o acelerado processo de globalização contemporâneo acrescenta uma maior complexificação na percepção das sociedades sobre si mesmas, expondo uma realidade que se apresenta constituída pelas conexões de tudo com todos. O destino de todos, no planeta, são percebidos como irremediavelmente inter-relacionados, introduzindo a perspectiva de *agir localmente e pensar globalmente*. O mundo se torna mais complexo e mais simples, micro e macro, épico e dramático.

Toda realidade ergue-se numa superfície repleta de abismos. O relevo da história está cheio de clivagens dobras e descontinuidades. Se tomarmos a liberdade de dar ao pensamento social brasileiro o estatuto de uma cosmologia nacional, veremos que (apesar do que foi dito sobre a fábula das três raças) ela se organizou, em boa medida, mediante e a repartição de grupos humanos em diversos semânticos distintos. Da mesma forma, o Estado Nacional produziu expedientes de controle cultural e social deferentes gerando formas distintas de lidar com a alteridade.

Ao penetrar no subsolo desta história, guiada pelas reflexões a cerca das possibilidades de convivência com a identidade açorita, inspiro-me em Hegel que sugere

ver o mundo pelo reverso, ver o mundo na sua profundidade, alcançar, pelos caminhos da razão filosofante, os segredos que se escondem nas coisas e nos corações dos homens. O avesso é o lugar do novo, um pouso para a imaginação filosófica e científica construir as suas interpretações buscando, na história de uma comunidade açoriana, compreender o contra-movimento de ações e significados para uma realidade já descrita anteriormente mas repleta de conflitos, mitos, rituais. Memórias, saberes, artes e ofícios da escritura constituem, neste trabalho, um intenso e profundo diálogo entre os atores com os quais contracenarei ao longo desta pesquisa. Um jeito de caminhar, sentir e agir pelas brechas do diálogo, tendo, em cada movimento de busca, o cuidado de contornar os contextos da pesquisa por dentro, por fora... E, fatalmente, ser contornado por estes contextos da pele para as entranhas e vice-versa.

Desvendar os significados mais profundos das ações cotidianas rotinizadas, na busca de descobrir o verbalmente irrevelado. É isso a que se propõe uma etnografia compreensiva. **Esta pesquisa procurará entender o manejo da comunidade com a sua identidade açoriana, somada à sua condição de pescadores e agricultores e a situação de coexistência entre as formas de racionalidade do uso do espaço remetendo a análise a uma complexidade deste entendimento.**

A comunidade açoriana no Município de Tavares- RS que pratica a pesca na Lagoa do Peixe, hoje Parque Nacional vive o **conflito** posto na sociedade moderno-contemporânea: relacionar as exigências desta sociedade com o seu saber tradicional.

O tempo social comandado pelo Estado e instituições que modificam o espaço de acordo com seus interesses e conveniências. Os povos tradicionais constroem suas próprias vidas, conforme a familiaridade e/ou especificidades que mantêm com seu espaço e as necessidades de suas vidas.

AÇORIANOS EM TAVARES, UMA COMUNIDADE TRADICIONAL

A pequena cidade de Tavares, localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul, limita-se, ao leste com o oceano Atlântico; a oeste com a Lagoa dos Patos; ao norte com o município de Mostardas e ao sul com o município de São José do Norte. Sua economia baseia-se na agricultura, principalmente o cultivo de cebola seguido do arroz e a pecuária com os rebanhos bovinos e ovinos. A pesca do camarão rosa também está na lista das atividades econômicas. Ultimamente a extração do florestamento de pinus tem crescido bastante se tornando, então, fonte de renda para o município.

Tavares foi emancipado recentemente, em maio de 1982 e tem cerca de cinco mil e poucos habitantes. Dentre estes habitantes, cerca de 150 famílias são pescadores de origem açoriana, que mantêm entre seus hábitos a marca dos seus ancestrais. Contudo, para fins de realizar este projeto, encontrei muito poucas referências ao município como tendo identidade açorita. Mas as marcas estão lá. Nas pessoas, na festas, na arquitetura e na pesca, que remete ao mito de origem ilhéu.

Este estudo tem o objetivo de analisar e compreender a cultura desta comunidade cujos ancestrais se sitiaram, local de difícil acesso até há muito pouco tempo¹.

A beleza natural é exuberante, tão linda que chega a sufocar. Tavares não tem rios e sim lagos. A Lagoa do Peixe com mais cem quilômetros quadrados, e a Lagoa dos Patos que banha o município em toda a sua extensão.

Este é o território deste “povo nativo”. Chamá-riamos, nas ciências sociais de camponeses, pois dependem da terra e podem ser pescadores, artesãos, extrativistas segundo as estações do ano e a necessidade de obtenção de dinheiro para as suas compras na cidade. No Decreto Lei do Presidente Fernando H. Cardoso está posto que estes povos teriam a) ligação intensa com territórios ancestrais;b) auto-identificação e identificação pelos outros com grupos culturais distintos, c) linguagem própria; d) presença

de instituições sociais e políticas próprias e tradicionais; e) sistema de produção principalmente voltados para a subsistência. Numa perspectiva marxista, as culturas tradicionais estão associadas a modos de produção pré-capitalistas, próprios de sociedades em que o trabalho ainda não se tornou mercadoria, em que a dependência do mercado já existe, mas não é toda. Culturas tradicionais, então, são aquelas que desenvolvem seu modo de produção se dá em pequena escala mercantil. Estas definições são amplas o bastante para quando falarmos de comunidades tradicionais, possamos nos referir a quilombolas, indígenas, seringueiros, sertanistas, extrativistas e outros... Estas culturas se distinguem daquelas associadas ao modo de produção capitalista em que só a força de trabalho, como a própria natureza, se transformam em objeto de compra e venda. Neste sentido a produção e reprodução do mundo natural são essencialmente diferentes. Godelier, por exemplo afirma que estas racionalidades diferentes apresentam um sistema de regras sociais conscientemente elaboradas para melhor atender um grupo de pessoas. Segundo este antropólogo cada sistema econômico e social determina uma modalidade específica de uso dos recursos naturais e de uso da força de trabalho. Neste sentido a solidariedade familiar opera com bastante intensidade e a familiaridade é um aspecto cultural muito importante pois os eixos de sustentação destas sociedades é o parentesco e a comunidade.

Aqui reside nossa pergunta para investir na prospecção investigativa a que se propõe o presente projeto: como é que esta familiaridade opera entre esta comunidade. Quais são os conflitos para ocupação espacial com outras comunidades como remanescentes de quilombos (comunidade de Casca), comunidade indígena (os índios guaranis foram os pioneiros na ocupação do espaço), os extrativistas, e os luso-brasileiros, que talvez não estejam classificados como comunidade tradicional, mas que sua presença ocupa um espaço enorme pois são fazendeiros, criadores de gado e , segundo o Ibama, setenta e três por cento da área pertence a estes fazendeiros.

Estamos diante de um dilema posto nas relações sociais existentes.

Um aspecto relevante na definição dessas culturas tradicionais é a existência de sistema de manejo dos recursos naturais marcados pelo respeito aos ciclos naturais, e pela sua exploração dentro da capacidade de recuperação das espécies animais e plantas utilizadas. Estes sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam existência de um complexo de conhecimento adquiridos na tradição herdada dos mais velhos, por intermédio dos mitos, dos símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas.

O ETHOS E AVISÃO DE MUNDO DA COMUNIDADEAÇORIANA: o tempo, a memória.

Se aquilo que dura mais é aquilo que recomeça melhor, devemos assim encontrar em nosso caminho a noção de ritmo como noção temporal fundamental. Fomos levados então postular uma tese, em aparência bastante paradoxal, mas que nos forçamos para legitimar. É a de que longe de os ritmos serem necessariamente fundados numa base temporal bem uniforme e regular, os fenômenos da duração é que são construídos com ritmos [...] Para durarmos, é preciso então que confiemos em ritmos, ou seja, em sistemas de instantes. Os acontecimentos excepcionais devem encontrar ressonâncias em nós para marcar-nos profundamente. Desta frase banal – ‘vida é harmonia’ -, ousaríamos então finalmente fazer uma verdade. Sem harmonia, sem dialética regulada, sem ritmo, nenhuma vida, nenhum pensamento pode ser estável e seguro: o repouso é uma vibração feliz.²

Em Tavares tudo é passado: o passado passado, o presente passado e o futuro passado. A memória está assentada nos instantes dos acontecimentos e que em função do seu cotidiano acabou por adquirir um ritmo. O ritmo dos acontecimentos é a medida da duração do tempo.

Pela memória construímos nosso passado: recolhemos cenas, reconfirmamos episódios, distinguimos o ontem do hoje e assim confirmamos termos experienciando um dado passado. Tornamo-nos memoriosos e configuramos assim o espaço de uma poética que inside na abordagem dos tempos idos, construídos individualmente, mas revelados coletivamente³. Trilhamos assim, entre história e ficção, o lugar possível da memória.

Estão presentes na memória reminiscências, atitudes e sentimentos, regras sociais e normas, e também padrões cognitivos.

A memória social provê os padrões para a estruturação do imaginário social, ou seja, para a dimensão expressiva, cognitiva e normativa da realidade social. A memória fornece também elementos para a estruturação de uma dimensão espaço-temporal, para a demarcação de seus ritmos de reprodução e mudança.

As relações sociais, os recursos através dos quais lançamos mão para dar conta da nossa vida moderna, dependem da nossa memória. E isso inclui as relações com os objetos e com os espaço e contribui para a construção da nossa noção de tempo. Um tempo que não é vazio ou homogêneo, mas que pode ser concebido na referência da nossa memória como uma sucessão de camadas de tempo.

Este estudo tem como objetivo estabelecer as relações memória-cultura na comunidade, penetrando nos universos dos mitos fundatórios que reportam ao além-mar

e que estão presentes nos objetos, arquitetura e no “ofício” de pescador. Fazer um diálogo com as reminiscências. Conforme aponta Benjamim:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no memento de perigo⁴

Este trabalho se propõe, então, a estabelecer um modo de conhecimento do outro para que possamos, nas palavras de Geertz, ampliar o nosso discurso social. Este só é possível de ser construído através do estudo da organização social da comunidade, através do conhecimento do seu sistema de classificações, seu manejo com o ambiente, da observação de como articulam-se tempo, identidade, mudança e a ocupação do espaço.

¹ Foi somente na administração estadual de 1998, que as estradas foram pavimentadas. Comenta-se que a estrada antes apelidada de estrada do inferno, hoje é a estrada que leva ao paraíso.

² BACHELARD, Gaston. **La dialectique de la durée**. Paris: Quadrige/PUF., 1989. p.9

³ Conforme HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Vértice.

⁴ Conforme Walter Benjamim. Sobre o conceito de história.